

Jornalismo Gonzo, Medo e Delírio Nas Reportagens Esportivas de Hunter S Thompson¹

Eduardo RITTER²

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

Resumo

A partir dos anos 1970, Hunter S Thompson (1937-2005) passou a desenvolver um estilo que ficaria conhecido como Jornalismo Gonzo. Com tom irreverente e envolvimento altamente pessoal do repórter na pauta, Thompson jogou em suas narrativas o uso de drogas, bebidas, humor e a hipocrisia existente na sociedade americana. E o esporte não ficou de fora. Assim, o artigo recupera de maneira reflexiva a historicidade sobre a passagem de Hunter Thompson pelo jornalismo esportivo, em reportagens que se tornaram ícones do Jornalismo Gonzo. Dentre as quais, estão a cobertura da maior prova de turfe dos Estados Unidos, de um *rally* de motocicletas no deserto de Las Vegas, de esportes náuticos e de uma maratona no Havaí. Além disso, no final de sua vida, Thompson foi colunista do site do canal de esportes ESPN.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo gonzo; jornalismo esportivo; história do jornalismo; reportagem; Hunter Thompson.

AS PRIMÍCIAS DO JORNALISMO ESPORTIVO GONZO

Hunter S Thompson nasceu em Louisville, Kentucky, em 1937. Foram 67 anos de vida regada a drogas, bebidas, aventuras, jornalismo, literatura, política e esporte até o suicídio, em 2005. Thompson na infância e adolescência tinha duas possibilidades de carreira para não ingressar no mundo do crime, vivido por muitos de seus amigos: tornar-se atleta ou escritor. Ele acreditou e tentou a primeira alternativa: amava basquete, futebol americano, baseball, atletismo, corridas de automóveis e até mesmo o *soccer* dos americanos. Em depoimento ao autor, a viúva de Hunter, Anita Thompson, destacou que o jornalista ficava as madrugadas do verão americano de 2002 assistindo aos jogos da Copa do Mundo da Coreia do Sul e do Japão. Mas ele não tinha altura e físico suficientes para ser jogador de futebol americano ou basquete e, conforme McKeen (2008), o fato de ter uma perna um pouco mais cumprida do que a outra, fez

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Departamento de Ciências da Comunicação (Decom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen. e-mail: rittergaucho@hotmail.com

com que ele logo desistisse da empreitada. Então, Thompson seguiu o seu segundo sonho: ser escritor. E o jornalismo foi o meio encontrado para atingir tal meta.

Como muitos dos escritores da literatura ocidental, ele procurou no jornalismo uma forma de viabilizar a sua literatura. Dessa ambição nasceu o estilo que ficou conhecido com o Jornalismo Gonzo, que apresento em livro lançado pela editora Insular (RITTER, 2018). No entanto, uma ênfase pouco dada ao Jornalismo Gonzo de Hunter Thompson é a sua estreita relação com o jornalismo esportivo que, para ser mais preciso, acompanhou o jornalista do início de carreira até a morte.

Assim, o presente artigo busca resgatar reflexivamente a passagem de Hunter Thompson pelo jornalismo esportivo americano. O criador do Jornalismo Gonzo teve a sua primeira experiência fazendo a editoria de esportes no jornal da Força Aérea da Flórida. Depois, conseguiu um emprego em um pequeno jornal na Pennsylvania, trabalhando mais uma vez com esportes. O mesmo acontece quando ele vai para Porto Rico trabalhar em um jornal esportivo de língua inglesa. Mais tarde, a matéria que dá origem ao nascimento do estilo Gonzo é justamente a cobertura do maior evento de turfe dos Estados Unidos: o Kentucky Derby. Também a primeira parte da obra Gonzo mais famosa, *Medo e delírio em Las Vegas*, trata-se da cobertura de um rally de motocicletas no deserto. Em outra reportagem do estilo Gonzo, Thompson vai até o México cobrir uma prova de pesca esportiva. A sua decadência enquanto repórter, também conta com duas coberturas não tão bem sucedidas de eventos esportivos: uma viagem ao Zaire para cobrir a luta entre Muhammad Ali e George Foreman e uma ida ao Havaí para acompanhar uma das maratonas mais famosas dos Estados Unidos. Por fim, mesmo quando Thompson troca a reportagem para se tornar um colunista que não vai mais ao local dos acontecimentos, o esporte é o principal tema de seus textos: de 2000 até 2005 ele é colunista do site do canal esportivo ESPN.

A partir disso, surge a seguinte questão norteadora de pesquisa: como foi a passagem de Hunter Tompson pelo jornalismo esportivo? Existe um jornalismo esportivo gonzo? Para abordar essa longa relação entre Thompson, Gonzo e esportes, inicialmente apresento algumas considerações sobre jornalismo esportivo. Posteriormente, conceitualizando o que é o jornalismo gonzo, apresento a importância do esporte para o estilo. Por fim, são aprofundadas duas das principais reportagens que contam com pauta esportiva: a cobertura do Kentucky Derby e a ida de Thompson para Las Vegas contratado pela revista *Sports Illustrated*.

Vale ressaltar ainda que essa é uma pesquisa bibliográfica, pois as perguntas estão direcionadas para os autores, ou seja, ela ocorre “se o desejo é formular e encontrar respostas em fontes bibliográficas do campo da educação e outros campos do saber” (TEIXEIRA E, 2005, p. 118). Entrementes, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1995, p. 71). Também partilho da perspectiva de metodologia aberta de Feyerabend (2003), que acredita que a prática liberal não é apenas um fato na história da ciência, mas sim algo completamente necessário para o desenvolvimento. O autor compara a pesquisa com o processo infantil de alfabetização, salientando a necessidade de se errar até chegar ao aprendizado e à descoberta: “Elas usam palavras, combinam-nas, brincam com elas, até apreenderem um significado que estivera, até então, além de seu alcance” (FEYERABEND, 2003, p. 40). Exatamente da mesma forma que o pesquisador busca desvendar o que está encoberto pelas palavras e números.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE JORNALISMO ESPORTIVO

Fazendo uma leitura antropológica do futebol, Roberto DaMatta avalia a relação entre esporte e sociedade. O autor salienta a capacidade que os esportes, de maneira geral, têm de mobilizar a população e, em especial, grandes massas. “Com o advento do esporte, as multidões urbanas podem deleitar-se apreciando não apenas algo exclusivo e unidimensional, centrado num só evento ou pessoa, mas um espetáculo aberto com múltiplas características” (DAMATTA, 2006, p.160). Tornando-se um espetáculo, o jornalismo ocidental acabou voltando os seus olhos para as mais diversas modalidades.

No Brasil, conforme ressalta Coelho (2009), inicialmente o futebol se popularizou para depois os jornais e os jornalistas voltarem os seus olhos para a atividade esportiva que se tornaria a principal do país. Na década de 1920, mesmo com a lotação dos estádios, havia um preconceito dos jornalistas quanto ao esporte praticado com os pés. “No entanto, os jornais dedicavam espaços mínimos para o que já parecia ser a grande paixão popular” (COELHO, 2009, p.11). O mesmo aconteceu nos Estados Unidos, porém, com a popularização de outros esportes.

De acordo com Moritz (2014), a história do jornalismo esportivo nos Estados Unidos começa antes da institucionalização do esporte com a criação de clubes e entidades esportivas. Além disso, houve um crescimento rápido do gênero, que surge

justamente no período das *penny press*, que Shudson (2010) explica que surgiram a partir das primeiras décadas do século XIX e que se popularizam rapidamente pelo preço acessível às massas: um *penny*, ou seja, um centavo de dólar. “Os *penny papers* se consolidaram no mundo por meio da sua larga circulação, e da publicidade que isso atraiu, mais do que por contar com a venda de assinaturas” (SCHUDSON, 2010, p.30).

Nesse cenário dos *penny press* que surge na década de 1820 as primeiras revistas especializadas em esportes que, segundo Moritz (2014), cobriam corridas e boxe. “Henry Chadwick, escritor do *The Clipper* em New York City nas décadas de 1850 e 1860 é considerado o primeiro jornalista a se especializar em esportes” (MORTIZ, 2014, p.14). O mesmo autor conta que o jornal *The New York World*, de Joseph Pulitzer, se tornou o primeiro a ter um departamento de esportes em 1883. Logo em seguida, o concorrente *New York Journal*, do magnata William Randolph Hearst, fez o mesmo em seu veículo. A partir de então, as páginas de esportes ganharam destaque no jornalismo norte-americano. Ao contrário do jornalismo esportivo brasileiro, porém, é notória a variedade de esportes que ganham destaque, tais como o futebol americano, o basquete, o baseball, o hockey, as lutas, as corridas, o atletismo etc. Assim, quando Hunter Thompson ingressa no jornalismo cobrindo esportes, esse cenário de popularização das diversas modalidades já estava consolidado.

Igualmente como em outras especialidades jornalísticas, o jornalismo esportivo também tem as suas especificidades. Barbeiro e Rangel (2006), por exemplo, salientam que apesar da linguagem do jornalismo esportivo ser mais aberta e às vezes permitir, por exemplo, o uso de adjetivos, a responsabilidade do jornalista esportivo é a mesma dos repórteres de outras editorias. “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.13). No entanto, os autores chamam a atenção para que o jornalista esportivo busque, também, boas histórias. “Os repórteres esportivos precisam pôr um fim nas piadas que fazem a respeito do seu trabalho, e mostrar que é possível produzir boas reportagens, como em qualquer outro assunto” (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p.21). E, conforme abordado adiante, é exatamente isso que Thompson fez a cada cobertura esportiva: extrair o que há de mais interessante em cada história. Mesmo que, para isso, ele tenha fugido completamente da pauta. Nada obstante, a própria definição da pauta já é o princípio de uma boa reportagem, inclusive no jornalismo esportivo. “Uma boa pauta é o início de uma boa reportagem. Uma está para a outra como o alicerce está para a construção” (UNZETE,

2009, p.23). A partir dessa perspectiva, pode-se considerar Thompson um arquiteto-artista do jornalismo esportivo: a partir de pautas convencionais, ele escreveu textos literários que entraram para a história do jornalismo ocidental através de seu jornalismo gonzo.

Aliás, como ressalta Carvalho (1996), no jornalismo esportivo, talvez mais do que em outras especialidades, é esperado um estilo pessoal do jornalista, seja ele repórter, comentarista, narrador, redator ou fotógrafo. Para ele, o jornalista esportivo deve “desenvolver uma retórica própria, com estilo, mas maleável, que incluiria capacidade de adaptação aos diversos públicos e veículos de comunicação, sem se esquecer da tonalidade universal que o esporte contém” (CARVALHO, 2005, p.62). E, conforme é visto a seguir, o uso de uma retórica própria e altamente pessoal é uma das principais características do que ficou conhecido como Jornalismo Gonzo.

JORNALISMO GONZO: O ESPORTE COMO PAUTA

Observando brevemente a biografia de Hunter Thompson é fácil perceber que ele ingressou no jornalismo e escapou do serviço militar tradicional graças ao esporte. Em 1955, quando ainda morava em Louisville, no estado do Kentucky, Thompson perdeu a formatura de Ensino Médio por estar na prisão após ter sido pego pela polícia por roubar uma carteira de cigarros de um grupo de jovens que dirigia em outro carro e por ter comprado bebida alcoólica para outros menores com identidade falsa (MCKEEN, 2008). O próprio Thompson relatou o julgamento em que foi condenado:

Eu me lembro do juiz Jull, do Tribunal do Juizado de Menores, dizendo: “Bem, Hunter. Você tornou a minha vida um pesadelo durante quatro anos. Você entrou e saiu desse Tribunal. Você debochou dele. Agora você vai se distanciar de mim. Esta é a minha última entrevista com você. Eu o condeno agora a sessenta dias na prisão municipal” (THOMPSON, 2007, p. 74).

No entanto, 30 dias depois, ao completar 18 anos, Thompson pagou fiança e foi liberado. Poucos dias depois, ele voltou a ser preso e, dessa vez, o juiz apesentou duas alternativas: ou ficaria atrás das grades ou teria que ir para o serviço militar. Thompson escolheu a segunda alternativa e assim partiu para Belleville, Illinois, com o sonho de ser piloto. No entanto, colocaram-no trabalhando como eletricista e ele simplesmente odiava eletricidade. Depois de ser preso por recusar um certificado do Exército, ele é reencaminhado para a *Eglin Air Force Base*, na Flórida. Destarte, ele ingressou na

Florida State University para estudar Literatura e, por gostar de esportes, foi convidado para ser o editor de esportes do jornal semanal da base aérea, chamado *Command Courier*. Em carta ao seu irmão Jack Thompson, escrita em 24 de outubro de 1956, ele narra como era a sua rotina na Flórida:

Ontem eu fui trabalhar as 7:15, e fiquei até às 5:00; com uma hora de folga de meio dia para o almoço. Eu perdi a janta e tive que correr para fazer a aula de Discurso das 6:00. Eu tive que perder a aula de Psicologia para poder ir cobrir as partidas de luta livre, que iam das 8:00 até às 10:00. Às 10:00 eu voltei para o escritório e comecei a história sobre as lutas, terminando isso por volta da meia-noite. Nessa hora o meu fotógrafo chegou com as fotos, e eu gastei mais uma hora cortando e legendando elas (THOMPSON, 1998, p. 17).

Na mesma carta ao irmão, Thompson também se queixa dos prazos para fechar as edições do jornal, perdendo peso e tomando cerca de 20 copos de café por dia. Iniciado em um jornalismo um tanto amador, Thompson deixa o serviço militar ao final de 1957 e passa a procurar emprego na única coisa que ele sabia fazer: escrever. Assim, em dezembro do mesmo ano, ele consegue um emprego para trabalhar na editoria de esportes de um jornal na pequena cidade de Jersey Shore, na Pennsylvania. Essa foi uma curta experiência, e depois de abandoná-la, dois meses mais tarde, ele parte para Nova York, tentando empregos na imprensa local, mas o máximo que consegue é uma vaga de *copy boy* na revista *Time*. A única contratação que consegue em um jornal de verdade só surge em 1960, quando é chamado para o jornal *Sportivo*, um periódico de língua inglesa de Porto Rico. Dessa experiência de aproximadamente um ano ele escreve o romance *Rum: diário de um jornalista bêbado*, que seria publicado apenas em 1998 e transformado em filme em 2011. Pode-se perceber, então, a forte ligação que o início de carreira de Thompson tem com o esporte. Também vale ressaltar que nesse período, anterior ao surgimento do Jornalismo Gonzo, Thompson fazia coberturas mais tradicionais, ainda sem o seu tom irreverente e pessoal que o consagraria.

Deixando Porto Rico, muito por conta do baixo salário e dos atrasos nos pagamentos, Thompson retorna para Nova York. Nesse período ele aprofunda as suas leituras, principalmente nos autores *beats*, tais como Jack Kerouac e William Burroughs. Pouco tempo depois, Thompson tem uma experiência de aproximadamente dois anos, a partir de 1962, como correspondente na América Latina, sendo o último ano passado no Brasil. No retorno aos Estados Unidos, ele e sua primeira esposa, Sandy, vão para Big Sur, na Califórnia. Em 1967 ele publica o livro *Hells Angels*, após andar

cerca de um ano com a gang de motociclistas mais famosa dos Estados Unidos. Porém, é através de uma pauta sobre esportes que em 1970 ele inaugura o estilo que ficaria conhecido como gonzo, publicando cobertura feita sobre o maior evento de turfe do país, o Kentucky Derby, pela *Scanlan's Monthl*, conforme aprofundado mais adiante.

Já sendo conhecido pelo novo estilo, Thompson se candidata a xerife da pequena cidade de Aspen, no Colorado, mas acaba derrotado. Em meio à disputa eleitoral, ele vai para Las Vegas cobrir um *rally* de motocicletas pela *Sports Illustrated* e, de tal cobertura, nasce *Medo e Delírio em Las Vegas*, também abordado no próximo item. Mesmo sendo um escritor conhecido, Thompson segue sendo destacado para cobrir pautas esportivas. Uma delas ocorreu depois de cobrir as eleições presidenciais de 1972 pela revista *Rolling Stone*, que resultaria na publicação do livro *Fear and loathing on the campaign trail' 72*. Querendo descansar da pauta política realizada, ele aceita um convite da revista *Playboy* para fazer uma reportagem para a edição de dezembro de 1974 sobre um campeonato de pesca esportiva no México.

Na reportagem publicada pela *Playboy*, no entanto, Thompson revela que apenas aceitou o convite para fazer a cobertura porque havia deixado escondido cinquenta unidades da droga MDA na parede do tanque do aquário de tubarões, em viagem realizada alguns meses antes. Assim, ele tratou logo de arranjar outro parceiro para acompanhá-lo na viagem: Yail Bloor, “meu velho amigo e comparsa de drogas” (THOMPSON, 2004, p. 213). Logo que explicou ao amigo a missão – que era recuperar as drogas – ele a aceitou. Principalmente porque Thompson colocou o parceiro como auxiliar de reportagem, incluindo-o na folha de pagamento das despesas da viagem pagas pela *Playboy*. “Nem o editor nem o poderoso pessoal da pesca esportiva com quem a gente precisava lidar tinha qualquer noção do verdadeiro motivo por trás da minha decisão de fazer a viagem” (THOMPSON, 2004, p. 214). Assim, o evento fica em segundo plano, enquanto a história de Thompson e de seu amigo ganham destaque, ao melhor estilo gonzo.

Em 1976, a *Rolling Stone* o contrata para cobrir a luta de boxe entre George Foreman e Muhammad Ali, porém, essa é a primeira falha dele, que resultaria em uma decadência na reportagem. Thompson deu o seu ingresso da luta, bem como o do ilustrador Ralph Steadman, que o acompanhava na cobertura, para um fã. O ilustrador conta ao biógrafo McKeen (2008, p.229) que o jornalista apenas lhe disse: “É isso, Ralph. Foda-se a luta. Se você pensa que eu viajei todo esse tempo para assistir a dois

negros se baterem em um ringue, então você deve arranjar outra coisa para fazer” (MCKEEN, 2008, p. 229). No final, a luta acabou ficando conhecida como uma das melhores da história do boxe, inclusive se tornando o documentário “Quando éramos reis”, e Thompson não assistiu a nada. Consequentemente, a *Rolling Stone* ficou sem reportagem, apesar de ter financiado a viagem da dupla para o Zaire.

Por fim, a última grande reportagem de Thompson enquanto jornalista que vai ao local dos acontecimentos também nasceu a partir de uma pauta esportiva, quando ele é contratado pela revista esportiva especializada *Running* para cobrir a maratona do Havaí. Dessa experiência e da publicação da reportagem pela revista, nasceu o livro *The curse of Lono*, lançado em 1983. No texto, Thompson cria um novo alter ego: Gene Skinner. Novamente ele adota uma narrativa em primeira pessoa, usando vários palavrões e contando algumas loucuras feitas junto com o ilustrador Ralph Steadman, porém, em termos de ritmo e do uso de humor, o texto não consegue ter o mesmo efeito das primeiras reportagens gonzo. Há um tom melancólico que pode ser sentido em algumas frases, como no trecho: “Agora eu precisava de um lugar para fazer a barba, escovar meus dentes e talvez apenas ficar lá e me olhar no espelho e me perguntar, como sempre, quem talvez estaria olhando para trás” (THOMPSON, 2014, p. 15).

Por fim, já no final da carreira e da vida, quando estava com a saúde debilitada e já sofrendo de depressão, conforme aponta Ritter (2018), Thompson é convidado por John Walsh, um velho amigo que foi seu editor na *Rolling Stone*, para escrever uma coluna semanal para o site da ESPN. Assim, a partir de 2000, ele passou a ter esse espaço. Thompson seguiu com a coluna até o seu suicídio, em 16 de fevereiro de 2005. No bilhete final, o esporte também esteve presente:

A temporada de futebol acabou. Sem mais jogos. Sem mais bombas. Sem mais caminhadas. Sem mais diversão. Sem mais natação. 67. 17 anos além dos 50. 17 mais do que eu precisava ou desejava. Chato. Eu sempre fui um vadio. Sem diversão – para alguém com 67. Você está indo para o além. Atitude de velho. Isso não vai doer (MCKEEN, 2008, p. 350-351).

Na última coluna escrita para o site da ESPN, publicada um dia antes do suicídio, ele não apresentou qualquer trecho mais reflexivo sobre a vida. A única morte que ele menciona no texto publicado em 15 de fevereiro de 2005 é a do hóquei profissional nos Estados Unidos: “A morte de hóquei profissional nos Estados Unidos é um presságio desagradável para as pessoas com pesados investimentos em times da

NHL. Mas, para mim, isso significava pouco ou nada” (THOMPSON, 2005³), e então, ele explica que ligou para o ator e humorista Bill Murreys no meio da madrugada, dizendo que havia inventado um novo esporte: o *shotgun golf* (golfe de tiro). Sinteticamente, o jogo consistia em atirar a bola de jogo acima do seu oponente que teria que acertá-la com uma espingarda calibre 12. Feita essa breve recuperação sobre a vida e obra de Hunter Thompson e a sua relação com os esportes que, no próximo tópico, são feitas algumas considerações sobre duas das principais reportagens escritas pelo jornalista gonzo e que tem como pauta temas esportivos.

MEDO E DELÍRIO NO JORNALISMO ESPORTIVO

Como apontado anteriormente, os manuais de jornalismo esportivo ressaltam que esse tipo de prática é, antes de tudo, jornalismo. Assim, as preocupações sobre precisão, clareza de linguagem, ética e busca pela verdade no jornalismo esportivo é praticamente a mesma de qualquer outro tipo de jornalismo especializado. Entrementes, Hunter Thompson não foi um jornalista comum. E o seu jornalismo esportivo também não segue nenhum manual ou norma, pois, como aponta Ritter (2018), Thompson se caracterizou por quebrar todos os tipos de normas, sejam elas legais, sociais, comportamentais ou profissionais.

Mas afinal, o que foi jornalismo gonzo? Sinteticamente, pode-se dizer que é um jornalismo que “consiste no envolvimento altamente pessoal e irreverente do repórter nos temas sobre os quais escreve, traduzido em forma de narrativa excêntrica” (VILAS-BOAS, 2008, p.11). E o surgimento desse tipo de reportagem, bem como a sua consagração na história do jornalismo ocidental, está fortemente ligada ao jornalismo esportivo.

A matéria que deu origem ao jornalismo gonzo foi publicada pela *Scanlan's Monthly* n° 4, do mês de junho de 1970. Nela, Thompson fez uma cobertura atípica sobre o *Kentucky Derby*, que é uma competição de turfe disputada anualmente em Churchill Downs Racecourse, em Louisville, cidade natal de Thompson. Durante a cobertura, ele e o ilustrador Ralph Steadman apresentaram uma caricatura do público que prestigiava o evento, sem fazer nenhuma menção à corrida de cavalos propriamente dita. É como se os verdadeiros animais daquele espetáculo estivessem do lado de fora da pista de corrida. Entretanto, no texto, que ocupa 20 páginas do livro *A Grande*

³ Disponível em: <http://sports.espn.go.com/espn/page2/story?id=1992213&num=0>

Caçada aos Tubarões, Thompson conta, em uma narrativa autobiográfica, tudo o que aconteceu, desde a sua chegada a Louisville até o final do evento e a análise caricatural do público. Pode ser esse texto considerado jornalismo esportivo? Ora, como aponta Ritter (2018), a obra de Thompson é bastante híbrida, e nesse caso, pode-se colocar o jornalismo esportivo na hibridez encontrada com a reportagem e a literatura.

A reportagem encomendada pela revista era sobre o Kentucky Derby, mas Thompson vai passar o texto inteiro contando como ele estava tentando fazer a reportagem – e não fazendo a reportagem sobre a pauta que havia sido projetada. Outra característica é a narrativa em primeira pessoa e o fato da participação do narrador na história ser ativa. Ele não apenas observa os fatos e conta o que vê, mas sim, ele interfere nos acontecimentos e deixa isso explícito no texto. Tanto é que, quando ele está conversando com um personagem chamado Jimbo, entediado com o discurso de seu interlocutor, Thompson inventa que está a trabalho da revista *Playboy*, ao que Jimbo questiona: “Ele riu. ‘Pô! Você vai tirar foto do quê? Cavalo pelado?’” (THOMPSON, 2004, p. 18). Aqui aparece outra característica marcante do jornalismo gonzo: o uso do humor. Então, Thompson conta ao participante do Derby que no dia do evento os Panteras Negras estariam em Louisville. “O sorriso de seu rosto tinha desmoronado. ‘De que porra você está falando?’” (THOMPSON, 2004, p. 19). Claro que se tratava de uma mentira, mas essa cena ilustra a participação ativa do jornalista na narração. Ele mente para Jimbo que está no evento justamente para acompanhar uma operação da Guarda Nacional para uma megaoperação com 20 mil homens na tentativa de conter a confusão.

Mais adiante, após encontrar o ilustrador Ralph Steadman, a narrativa passa a ser sobre as observações e impressões que o jornalista teve em relação ao público e ao que acontecia com a dupla. Afinal, como ressalta Thompson: “Ao contrário da maioria dos outros no camarote de imprensa, estávamos pouco nos lixando para o que acontecia na pista. Tínhamos vindo aqui para ver os *verdadeiros* animais se apresentarem” (THOMPSON, 2004, p. 25). A afinidade de Thompson com Steadman é outro aspecto que difere o texto na comparação com as outras narrativas jornalísticas. Na medida em que o artista vai desenhando o que vê, o jornalista avalia as ilustrações. Aliás, em determinado trecho da reportagem, Thompson ressalta a importância de se encontrar a ilustração que melhor represente o que, na verdade, ele pretende passar para o leitor:

Ele tinha feito uns bons esboços, mas até agora não tínhamos visto aquele tipo especial de rosto que eu sentia que precisaríamos para a ilustração principal. É um rosto que eu tinha visto umas mil vezes em todos os Derbys a que fora. Na minha cabeça, eu o via como a máscara da aristocracia do uísque – uma mistura pretenciosa de bebida, sonhos desfeitos e uma crise de identidade terminal. O resultado inevitável de muitos cruzamentos entre parentes numa cultura fechada e ignorante (THOMPSON, 2004, p. 26).

Foi assim que Thompson foi construindo em seu texto uma caricatura do público, enquanto Ralph iria colocando-a em imagens. Um exemplo da caricatura textual que Thompson apresentou está quando ele descreve uma cena vista de cima do camarote de imprensa: “Milhares de pessoas desmaiando, chorando, copulando, atropelando uns aos outros e lutando com garrafas de uísque quebradas” (THOMPSON, 2004, p. 25-26). Depois da publicação do texto sobre a prova de turfe, o jornalista Bill Gardoso, do Boston Globe, chamou a reportagem de “gonzo” e, assim, esse tipo de cobertura não convencional, que nesse caso começou com uma pauta esportiva, passa a ficar conhecido como jornalismo gonzo (WENNER; SEYMOUR, 2007).

Desse modo, um ano depois, Hunter Thompson recebe outro convite para cobrir uma pauta esportiva: a revista *Sports Illustrated* o contrata para cobrir a *Mint 400*, um tradicional *rally* de motocicletas pelo deserto do estado de Nevada. Thompson, no entanto, convida o advogado e amigo mexicano Oscar Acosta para acompanhá-lo na viagem, que no livro aparece como Dr Gonzo, advogado samoano, enquanto Thompson vira Raoul Duke, que se tornaria o alter ego do escritor.

Mais uma vez, a narrativa sobre a corrida, que ocupa a primeira parte do texto que se transformaria no livro *Medo e delírio em Las Vegas*, toma outro rumo pois, desde a saída da dupla de Los Angeles o que menos importa é a pauta encomendada pela revista, como fica claro no seguinte trecho:

Dos trezentos dólares em dinheiro fornecidos pelos editores da revista, quase tudo já tinha sido gasto em drogas altamente perigosas. O porta-malas do carro mais parecia um laboratório móvel do departamento de narcóticos. Tínhamos dois sacos de maconha, 75 bolinhas de mesalina, cinco folhas de ácido de alta concentração, um saleiro cheio até a metade com cocaína e mais uma galáxia inteira de pílulas multicoloridas, estimulantes, tranquilizantes, berrantes, gargalhantes [...] além de um litro de tequila, outro de rum, uma caixa de Budweiser, meio litro de éter puro e duas dúzias de amilas (THOMPSON, 2011, p. 12).

Como esse texto já foi analisado em outros estudos realizados pelo autor, nesse artigo vale ressaltar que a cobertura do evento esportivo é encontrada apenas no capítulo 5 da primeira parte da obra, intitulado *Cobrindo a Matéria... Um Gostinho da Imprensa Em ação... Horror & Fracasso*, que ocupa seis páginas do livro, e que é a cobertura efetiva da corrida de motos pelo deserto. Mesmo quando está tentando cobrir a pauta, o jornalista é o personagem principal da narrativa. Além disso, o foco principal da reportagem está na tentativa de o jornalista captar a matéria – e não nos fatos encomendados pela revista. No entanto, como a revista sabia sobre o estilo de Thompson ao encomendar o texto, pode-se imaginar que possivelmente a narrativa seria publicada se ele tivesse enviado apenas essas seis páginas em que aborda, à sua maneira, a realização do evento (da recusa pela *Spots Illustrated* saiu a publicação na *Rolling Stone*).

A abertura desse texto, por sinal, não seria nenhum absurdo se fosse usada em uma matéria convencional produzida para qualquer revista esportiva: “Quando amanheceu, os pilotos estavam prontos. Um belo nascer do sol no deserto” (THOMPSON, 2011, p. 42). Depois, no mesmo estilo da cobertura do Derby, Thompson transcreve as falas de uma pessoa que estava lá para assistir ao evento. Vale lembrar que o jornalista estava com um gravador, portanto, nesse caso há a transcrição dos diálogos que ocorreram durante a cobertura do evento (RITTER, 2018). Nesse sentido, os registros dos diálogos tornam-se uma descrição da cultura que envolve o esporte, analisada na reportagem pelo jornalista – algo que também não fica muito longe de uma cobertura analítica de jornalismo esportivo:

Em certos círculos, a Mint 400 é uma coisa muito, muito superior ao Super Bowl, ao Kentucky Derby e à final do Lower Oakland Roller Derby somados. Essa corrida atrai criaturas muito especiais, e nosso amigo com a camiseta da Harley era nitidamente uma delas (THOMPSON, 2011, p. 43).

Misturado a outros jornalistas e acompanhado do advogado – que ficou no bar bebendo – e de seu fotógrafo, um português Lacerda, Thompson descreve que nenhum jornalista, sabia ao certo como cobrir um evento como aquele, em que os pontos altos eram apenas a largada e a chegada (pois era impossível acompanhar um dos pilotos pelo deserto na mesma velocidade deles – a não ser que a revista tivesse preparado isso antes). “A corrida estava quase começando, mas a nossa desorganização era completa”

(THOMPSON, 2011, p. 44). Porém, o que os textos dos outros jornalistas mostrariam era apenas a cobertura da corrida, com os resultados e um ou outro comentário óbvio, enquanto que Thompson, em seu jornalismo esportivo gonzo, estava relatando, inclusive, a falta de organização dele e de seus colegas.

Thompson até tentou cobrir a corrida, embarcando na caminhonete que levava os jornalistas ao meio do *rally*, “mas após algumas voltas ensandecidas pelo deserto – procurando por motocicletas sem grande sucesso – deixei os fotógrafos tomarem conta do veículo e voltei ao bar” (THOMPSON, 2011, p. 46). Então, enquanto insere na narrativa o que está acontecendo, o jornalista emite a sua opinião, tão característica no jornalismo gonzo.

Senti que havia chegado o momento de fazer uma Reavaliação Dolorosa de toda aquela situação. Sem dúvida a corrida estava acontecendo. Eu havia testemunhado a largada; disso tinha certeza. Mas e agora, o que eu podia fazer? Alugar um helicóptero? Entrar de novo naquela caminhonete? Zanzar pelo maldito deserto assistindo àqueles idiotas passando a mil pelos pontos de controle, um a cada treze minutos...? (THOMPSON, 2011, p. 46).

Da mesma forma que ocorreu na matéria do Kentucky Derby, há uma crítica não só relacionada ao público, mas também ao evento como um todo. “Só se via alguma ação na linha de chegada/largada, onde a cada poucos minutos algum infeliz chegava a mil acompanhado por nuvens de poeira e saía cambaleando da moto” (THOMPSON, 2011, p. 46). Houve, então, uma pequena discussão com o fotógrafo, que queria a cobertura total do evento, retornando para o meio da tempestade de areia. Porém, Hunter não quis voltar e deixou que o fotógrafo seguisse sozinho atrás das motos e buggies, enquanto ele retornou novamente para o bar, “onde eu pretendia encher a cara de bebida, encher a cabeça de ideias e encher meu caderno com muitas anotações...” (THOMPSON, 2011, p. 48). E, assim, termina o capítulo que corresponde a cobertura de Thompson da corrida no meio do deserto de Nevada. Uma cobertura nada convencional do jornalista gonzo no campo esportivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida e obra de Hunter S Thompson foi marcada por alguns pilares. Jornalismo, literatura, política, fala franca, transgressão às regras e o esporte são alguns deles. Nesse artigo, essa trajetória foi abordada sob a perspectiva da atuação do jornalista gonzo no

jornalismo esportivo. Hunter Thompson sempre foi um apaixonado por esportes e foi essa especialidade que viabilizou seu ingresso na profissão, quando assumiu o jornal esportivo das Forças Aéreas na Flórida. Também foi graças à sua atuação no esporte que ele seguiu na profissão, conseguindo emprego em um jornal na Pennsylvania, partindo para Porto Rio para ser repórter e, depois, sendo escalado para cobrir o Kentucky Derby. A consagração do estilo gonzo veio em seguida, novamente graças ao esporte: a contratação de Thompson pela *Sports Illustrated* para cobrir um rally no deserto de Nevada. Por tudo isso, pode-se dizer, sim, que Thompson conseguiu jogar para o jornalismo esportivo o seu consagrado jornalismo gonzo.

Assim como Thompson atuou no jornalismo esportivo, ele se especializou ao longo da carreira em outras editorias, tais como política e cultura. Acredito que há espaço para outras pesquisas explorando os aspectos mais diversos do jornalismo gonzo que ocupa um importante espaço na história do jornalismo literário e do jornalismo ocidental. Thompson atuou bastante tempo como repórter, indo até o local dos acontecimentos, e quando se torna colunista que acompanha as notícias de casa, manteve principalmente as temáticas políticas e esportivas em primeiro plano. Foi assim que ele passou os seus últimos anos: escrevendo colunas no site do canal ESPN.

Feita toda essa contextualização e recuperação histórica de um jornalismo esportivo gonzo, qual o legado que Thompson deixa para o jornalismo esportivo? Ora, pode-se ampliar os horizontes daquela máxima repetida pelos autores de manuais de jornalismo esportivo: sim, o jornalista esportivo é, acima de tudo, um jornalista que deve ter as mesmas preocupações e observações de produção narrativa de qualquer outra editoria jornalística. Seguindo essa lógica, também é possível, então, produzir uma reportagem com estilo gonzo sobre esportes, bem como é possível fazer isso com pautas sobre qualquer outra editoria jornalística. Claro que, conforme aponto em obra sobre *Jornalismo Gonzo* (Ritter, 2018), esse estilo está intrinsecamente ligado à própria biografia de Hunter Thompson. No entanto, nada impede que o estilo gonzo inspire novos repórteres a incluir algumas das características gonzo em suas reportagens. Inclusive, nas coberturas esportivas.

Referências bibliográficas

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

CARVALHO, J.E. **O discurso esportivo**. In: VILLAS-BOAS, S. *Formação & informação esportiva*. São Paulo: Summus, 2005.

-
- COELHO, P.V. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- MCKEEN, William. **The outlaw journalist – the life and times of Hunter S. Thompson**. New York: W.W. Norton & Company, 2008.
- MORTIZ, B.P. **Rooting for the story: Institutional sports journalism in the digital age**. Nova York: Syracuse University, 2014.
- RITTER, E. **Jornalismo Gonzo: medo, delírio, mentiras sinceras e outras verdades**. Florianópolis: Insular, 2018.
- SCHUDSON, M. **Descobrimo a notícia – uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TEIXEIRA, E. **As três metodologias**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- THOMPSON, Hunter S. **A grande caçada aos tubarões – histórias estranhas de um tempo estranho**. São Paulo: Conrad, 2004.
- _____. **Fear and loathing in America – the brutal odyssey of na outlaw journalist**. New York: Simon & Shuster Paperbacks, 2006.
- _____. **Medo e delírio em Las Vegas – uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- _____. **Reino do medo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Shotgun golf with Bill Murray**. Page2. New York: ESPN site. Disponível em: <http://sports.espn.go.com/espn/page2/story?id=1992213&num=0>. Acesso em: 25 de maio de 2018.
- _____. **The proud highway – Saga or a desperate Southern gentleman**. New York: Ballantine Books, 1998.
- THOMPSON, Hunter S.; STEADMAN, Ralph. **The curse of lono**. Los Angeles: Taschen, 2014.
- UNZETTE, C. **Jornalismo esportivo – relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- VILLAS-BOAS, S. **Jornalismo literário – um percurso filosófico**. São Paulo: Texto Vivo Edições, 2008.
- WENNER, Jann; SEYMOUR, Corey. **Gonzo - The life of Hunter S. Thompson**. New York - Boston - London: Back Bay Books, 2007.